



O POVERELLO

Ano I - nº VI – Novembro/dezembro 2016

Caríssimos irmãos e irmãs. O Senhor vos dê a Paz!

Estamos nos aproximando do natal. A expectativa cresce. E nós, d'O *Poverello*, encerrando o ano com uma edição que abraça os meses de novembro e dezembro, tornamos tema nosso o clamor de toda a Igreja neste tempo de expectativa: VINDE, EMANUEL.

Nessa edição, Frei Luis Felipe nos fala sobre o advento, destacando nele as dimensões do silêncio e da festa. É tempo de experienciar um silêncio expectante e alegre. Frei Wagner versa sobre a simbologia da coroa do advento, apontando alguns aspectos deste belíssimo símbolo da espera da Igreja pelo Senhor que vem. Frei Adailton nos traz a olhar de Francisco de Assis sobre o natal, colocando em relevo a atenção particular do *Poverello* de Assis relativamente à festa da Encarnação do Senhor.

Quanto aos acontecimentos, foram vários. O *focus nas vocações* nos apresenta sucintamente o itinerário de formação inicial da nossa Ordem e aproveita para indicar o modo como é possível ajudar nesse itinerário e para agradecer a todos os que nos ajudaram e ajudam na formação inicial.

Este último editorial do ano se une a esse agradecimento, desejando que a luz do menino-Deus, que a cada semana vai ficando cada vez mais forte, possa ir clareando nosso coração até que façamos, em plenitude, a maravilhosa experiência do natal do Senhor.

Que a Luz de Belém abençoe a todos os nossos confrades, aos irmãos da OFS, da OSC, da juventude franciscana, aos nossos amigos, benfeitores, parentes e, enfim, a todos que, durante este ano, foram colaboradores ou leitores do nosso boletim informativo, bem como também àqueles que não leram, mas que rezaram por nós.

Nós do Seminário São Francisco agradecemos sua companhia durante este ano que está findando e renovamos nosso desejo de continuarmos juntos no próximo, quiçá com um número ainda maior de amigos leitores e colaboradores. Até à próxima edição. Um santo Natal e um abençoado ano de 2017.

Fraternalmente em Cristo e Francisco de Assis,

O Poverello.

Nesta edição

O Evangelho é nossa vida	02
Fomação	04
Franciscanamente falando...	05
“Teologia em comunidade”	07
Atualidade e teologia	08
“Focus” nas vocações	10
Acontecimentos...	11
Indicamos aos nossos amigos	15

Advento: silêncio e festa!

Ao longo do ano litúrgico, a Igreja faz memória dos mistérios da salvação e, com isso, somos repletos da graça santificante de Deus (cf. SC, n.102). O ano litúrgico é, de fato, um “pedagogo” que conduz nossas comunidades para “beber do manancial da salvação” (Is 12,3). Após esta brevíssima introdução teológica gostaria de indicar algumas características de um momento que marca o início do ano litúrgico cristão: o advento.

O termo “Advento” (*adventus*, em latim) significa “vinda”, “chegada”. É uma palavra de origem pagã que indicava a vinda anual de uma divindade ao templo. Passando o termo para o uso cristão, o usamos para nomear este primeiro momento do ano litúrgico.

É um tempo de preparação para as solenidades do Natal do Senhor, memória da sua primeira vinda, e feliz expectativa da segunda vinda, na realização completa do plano salvífico de Deus. Trata-se da memória de um passado que, no presente, nos leva a contemplar a glória do futuro. O advento é o tempo muito caro; tempo nosso, tempo da sentinela... que deseja acordar o Senhor que parece dormir. O advento é, portanto, o tempo de desejo, aspirações, esperanças e expectativas.

Uma clara compreensão deste mistério celebrado nos fará adotar atitudes, sobretudo a vigilância orante e a espera feliz. Além destas atitudes que são indicadas pela própria liturgia, chamaríamos a atenção para dois dados antropológicos importantes para nossa ação simbólica-ritual: o silêncio e a festa.

A festa é uma explosão de alegria, que implica vozes, cores, luzes, delícias. Afirma o Papa Francisco que “a festa é uma coisa que a mundanidade não sabe fazer, não pode fazer. O espírito mundano nos leva, no máximo, a fazer um pouco de divertimento, um pouco de barulho, mas a alegria brota somente na relação com a história salvífica”.

Todavia, em cada festividade existe também, despercebido, um espaço de silêncio. O essencial é o que é invisível, afirmava o pequeno príncipe. Quando em família preparamos uma festa ou nos preparamos para receber alguém à mesa, sempre existe o silêncio daquele que prepara, seja na cozinha ou na sala de jantar. Recordo que, quando criança, quando íamos receber alguém, nos sentávamos na sala, estando tudo preparado, para esperar a visita.

A tradição cristã sempre marcou as festas com grande espaço de silêncio adorante e alegre. Em particular, no tempo do advento precisamos ser conduzidos por este silêncio. É um silêncio de preparação e da espera, diferente daquele quaresmal (ascético). O Advento nos convida a este silêncio para escutar quem vem de longe e está vindo. Somos convictos da vinda do Senhor. Um silêncio de radiosa e discreta alegria. Celebramos a festa da vinda do Senhor na esperança de um mundo novo marcado pela beleza da justiça e da paz.

Na vigilância orante e na espera feliz, algo poderá nos causar uma crise. A nossa sociedade nos imerge em uma cultura do imediato, da resposta adjacente. A espera foi depredada e, por isso, somos marcados por esta depressão secular e melancólica. Temos a esperança roubada. A dimensão de futuro por perdida. Tal perda nos desumaniza. Quando o homem não espera mais nada de novo, cai no medo. O medo reina sobre ele. Medo do futuro. Medo do silêncio. Medo desumanizante. Nada o surpreende!

Mais do que dizer palavras, coloquemo-nos num silêncio ativo. Um silêncio que escuta. Uma primeira categoria do amor é escutar. O silêncio de que falamos não é a mudez da doença, da melancolia, da depredação da esperança, mas um silêncio profundo e relacional, abstinência de palavras,

exercício de escuta sem distrações, abertura do coração. As palavras que nascem do silêncio servem muito, pois possuem uma linguagem total que atinge o ser humano por completo.

É um silêncio eloquente – palavras de amor – que realiza a memória dos mistérios da salvação. Deus já nos falou e fala na celebração atualizada dos mesmos mistérios. Precisamos ouvir a Deus sempre; mas, na cultura do imediato, na resposta pronta, apenas ouvimos o que nos agrada. Forçamos Deus a falar o que nos convém. Assim, corremos atrás da revelação de videntes e das ciências humanas. Desejando que todos “cheguem a salvação e ao conhecimento da verdade” (1 Tim 2, 4), “tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas” (Heb 1, 1), quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, Verbo feito carne (cf. SC, n.5).

O silêncio do advento, eloquente e inteligente, nos conduz a espera celebrativa da encarnação do Verbo, da humanização do divino, da divinização do humano. É a festa da natureza. Nesse silêncio, adora-se; adorando, pensa-se; pensando, reconhece-se a presença do “já” e do “ainda não”, na capacidade de discernimento dada ao homem. É uma presença alusiva. A salvação em Cristo já é uma realidade e sua plena realização se dará somente no fim dos tempos (cf. I Pe 1, 4-5).

O silêncio festivo é de adoração e de verdadeiro reconhecimento da presença que chega, humaniza as relações, liberta do medo, tira a escuridão, devolve a esperança, e nos ajuda, numa explosão de alegria, vozes, cores, luzes, a cantar com os anjos: *Gloria in excelsis Deo!!!*

Frei Luís Felipe Marques, OFMConv.



A simbologia da coroa do advento

Uma mãe ninando seu filhinho é um símbolo do amor gratuito. Há ali o bebê e sua completa impossibilidade de retribuir, a não ser com seu próprio ser, o cuidado da mãe; há ali a mãe e sua total disponibilidade para com seu filhinho; há ali o cuidado gratuito da mãe pelo silêncio a fim de favorecer o sono do filho; há ali o canto de ninar que marca profundamente o espírito do bebê. Em suma, estão ali, presentes e unidos, todos os elementos que, considerados juntamente, simbolizam o amor gratuito. Isto é precisamente o que significa um símbolo: recolher um conjunto de aspectos de uma mesma realidade e os pôr de tal modo unidos que a totalidade da realidade pode ser contemplada através daqueles elementos reunidos.



A coroa do advento é um símbolo marcante do tempo do advento. Nela, como em todo símbolo, cada aspecto tem um significado próprio que contribui para o sentido total. Notemos primeiramente que a coroa tem a forma de um círculo, símbolo da eternidade, da realidade que não tem começo nem fim. Representa Jesus, o Senhor do tempo e da história, Aquele que era, que é e que vem, que existiu antes do tempo e existirá depois dele.

Quanto às flores, o sentido radical delas é significar a força da vida que se renova em cada desabrochar. Representam Jesus, a vida que vem ao mundo para renová-lo. As velas, por sua vez, são o elemento fundamental da coroa. Ricas de significado, cada uma delas indica uma das quatro semanas do Tempo do Advento. Cada vela pode ser compreendida como a representação de uma das quatro grandes vindas de Deus ao mundo para preparar a vinda definitiva do Filho encarnado (tempo da criação, tempo dos patriarcas, tempo dos reis e tempo dos profetas). Também representam os quatro pontos cardeais, a totalidade do cosmos que é alcançado e iluminado pela Luz que é Cristo.

As cores das velas seguem, originariamente, as cores litúrgicas: três roxas e uma rósea, essa última representando o terceiro domingo do advento, o domingo da alegria (*gaudete*) da espera. Há também variações em verde, roxo, e branco, cores litúrgicas que representam esperança, serenidade, alegria e pureza, notas marcantes do advento.

A cada semana do advento uma vela é acesa para indicar um aumento na intensidade da espera pelo nascimento do Senhor. A cada vela acesa, um pouco mais da Luz que é Cristo se acende nos corações dos fiéis. Nesse sentido, convém notarmos que a Luz de Cristo não se acende somente no dia no natal. Ela vai se intensificando progressivamente já desde a espera do Senhor. Este é outro significado fundamental da simbologia da coroa: ensinar que, mesmo na espera do Senhor, sua presença está misteriosamente já entre nós. É que se trata, no natal, de um parto e, num parto, o nascimento não é o começo da vida da criança. Essa já vive no útero da mãe antes de nascer.

Aprendamos nós, portanto, com as velas acesas da coroa do advento, a perceber que o Cristo que vai nascer no natal já está, de fato, presente em nossos corações, numa presença misteriosa que deve crescer e crescer até que, em nossas vidas, geremos o Senhor e façamos a verdadeira experiência do natal.

O natal do menino Deus (2C 199)

O Verbo se fez carne, e habitou entre nós (Jo 1,14)

A grandeza da sabedoria franciscana se revela na experiência da pobreza de Deus, o qual se fez homem como nós, pois “sendo de condição divina não se apegou ao ser Deus, mas se esvaziou, tornando-se semelhante aos homens (Fl 2, 6-7)”. Francisco celebra a Encarnação do Senhor no intuito de fazer memória do dia em que a humanidade foi imersa no amor de Deus, um Deus que é incompreensível à nossa mentalidade, pois em sua divindade, Ele se rebaixa à nossa condição, fazendo-se depender do gênero humano, tomando a forma de um “menino pobrezinho que necessita do leite materno para o seu sustento”.



Francisco tinha uma ideia clara de que toda a limitação humana é lugar de fazer experiência com o sagrado; ele não descartava a limitação, como se considerasse as situações da vida do homem um empecilho para chegar ao conhecimento de Deus. Rompendo também com esta forma limitada de pensar, o próprio Verbo de Deus, isto é, o seu Filho unigênito, se faz homem, para que, pela sua humanidade, toda a criatura entre na via de acesso ao Criador, de modo que toda a criação seja reconciliada por meio de Cristo.

O Verbo, consubstancial ao Pai, procedendo de ambos o Espírito Santo, fez de nossa humanidade sua manjedoura. O útero da Virgem Maria recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade (2 Fi 4ss). E nossa fragilidade O acolhe, o que torna a nossa humanidade algo mais honrável e nobre, acima dos coros angelicós, pois o próprio Deus se fez homem, elevando a natureza humana para a mesma ser encontrada em seu protótipo a direta de Deus Pai.

Dentre todas as celebrações litúrgicas, Francisco tem uma admiração singular pelo Natal. Este dia para ele é a festa da carne, pois dizia que até as paredes deveriam comer carne; mas como não podem, sejam esfregadas carne. E ainda, “queria que, nesse dia, os pobres e os esfomeados fossem saciados pelos ricos, e que se concedesse ração e feno mais abundante que de costume aos bois e aos burros”. Tudo em honra à celebração da Encarnação do Senhor.

É costume ver a Encarnação em função da Paixão e Morte de Jesus. Para nos redimir do pecado, morrendo na Cruz, o Verbo precisava ter um corpo. Por isso “assumiu a nossa humana fragilidade” no seio da Virgem Maria. Mas isto é subordinar tudo ao pecado. A visão de Francisco é muito mais bela. O Verbo não se encarnou só por causa do pecado, mas para se fazer nosso irmão, para estar conosco, ser Deus conosco (Emmanuel), para conviver com os homens como um deles. É um mistério de comunhão. “Francisco rodeava de um amor indizível a Mãe de Jesus, por ter feito nosso irmão o Senhor de toda a Majestade” (2 C 198).

A simbologia do presépio é um dado tão forte na espiritualidade franciscana que, além de fazer memória da humanidade de Deus, torna-a presente por meio deste símbolo e ressalta a comunhão de Deus com toda a criação. A criação se vê no menino Jesus transmitindo a nós, criaturas, a paternidade de Deus através da Sua filiação, fazendo de nós seus irmãos, possibilitando a nós também chamar a Deus de Pai, constituindo uma fraternidade de comunhão.

Frente a esta realidade, nos parece tão simples e comum o nascimento do menino Jesus; mas se nos torna um tanto complicado pensarmos na possibilidade de um Deus tomar a forma humana, o que, para as outras religiões, seria escândalo e loucura. Trata-se de um Deus que quer fazer a experiência da humanidade, possibilitando também que a humanidade faça a experiência de Deus.

Amados irmãos e irmãs, ao celebrarmos com grande exultação o natal do Senhor, possamos ser colocados na vida íntima de Deus, o qual se revelou a nós por meio da pequenina criança, Jesus Emanuel, tornado para nós modelo e exemplo de fraternidade que, com tamanha misericórdia e solicitude para com toda a criação, pelo seu benévolo amor, fez com que fôssemos chamados, por causa d'Ele, filhos de Deus. Sendo assim, jubilemo-nos com toda a criação louvando a Deus, pois a Vida se manifestou e nós a vimos, e damos testemunhos com o nosso existir (1 Jo 1,3).

Fr. Adailton Borges, OFMConv



Nessa edição de *O Poverello* quero partilhar um pouco sobre o tema do meu trabalho de final de curso, a monografia de teologia. O tema escolhido foi “O homem como um ser capaz de amar: a sexualidade na teologia do corpo de João Paulo II”. O principal objetivo dessa pesquisa é tratar da sexualidade a partir do amor humano, um dom tão belo dado por Deus a cada pessoa, e tentar redescobri-la desde o plano de Deus impresso na Criação.

Percebemos nos tempos atuais um grande perigo em torno do ser humano, o significado de seu corpo, o sentido de sexualidade, e a prática do amor. É muito fácil olhar para as mais diversas realidades em que nos encontramos e perceber algumas ideias e pensamentos acerca desses assuntos que fogem bastante da concepção cristã. Em João Paulo II há uma perspectiva muito bonita ao olhar o amor humano e o corpo do ser humano com uma noção otimista, cheia de beleza e de entusiasmo.

João Paulo II para tratar do ser humano e suas dimensões quer, inicialmente, remontar às narrações da Criação presentes nos dois primeiros capítulos do livro do Gênesis. Ali ele quer encontrar o que chama de “o plano divino para o amor humano”. A partir desse pressuposto podemos salientar a importância do humano, inscrito já no coração de Deus e manifestada na criação do homem e da mulher feitos no amor e para o amor.

No ato criacional o ser humano se reconhece enquanto pessoa, um ser para a relação, que busca e se encontra com o outro humano. Da mesma forma, percebemos o encantamento e a exultação do homem quando se encontra com uma pessoa com quem possa se relacionar, diferente do que viu entre os animais todos da terra. E nesse encontro interpessoal, homem e mulher movem-se para a comunhão, possível pelo amor, que é entendido como dom de si. É pelo dom do próprio ser ao outro que o ser humano se realiza, ama e é feliz.

Ao doar-se o homem reconhece na mulher, e vice-versa, a sua dignidade, não a enxerga como a um objeto ou animal qualquer. Sendo assim, o ser da pessoa exige um trato diferenciado, enquanto um objeto é usado, o ser humano é amado. O problema está em usar a pessoa, reduzindo-a à qualidade de coisa. No âmbito da sexualidade essa concepção que coisifica a pessoa é uma grande ameaça, pois nega ao homem e à mulher a sua masculinidade e feminilidade que lhe são próprios e que constituem a sua identidade. Assim, o contato hedonista não faz prevalecer e nem salvaguardar a dignidade humana, pelo contrário, faz com que se deixe de lado os atributos da pessoa, que advém da concepção da própria Trindade, onde as três pessoas divinas de relacionam, se amam, se doam e criam.

Dentro da análise da relação entre o homem e a mulher, há uma grande urgência em se enxergar com inteireza o corpo com o seu significado sponsal, o que não é possível pela via do utilitarismo, a redução humana à objeto de uso. No corpo enxergamos a pessoa, e não o prazer que ela pode oferecer. Claro que por causa do pecado somos marcados pela concupiscência, mas o pudor permite que retornemos ao próprio do ser humano, que é a nossa vocação para o amor, inscrita no coração de Deus e no mistério insondável presente no ser humano desde a sua criação.

Tal concepção apresentada por João Paulo II terá consequências e relevância na discussão sobre o matrimônio, a família, o ato sexual. A teologia do corpo do Papa polonês é uma via que pode ajudar a encontrar meios de repensar o sentido de ser pessoa, de acolher a sexualidade como graça de Deus e de manifestar, no exercício da sexualidade e do amor, a comunhão e o dom de si. Tudo isso é também uma tarefa que pode ser alcançada com bom êxito através de uma educação para o amor, que ensine a castidade, ao mesmo tempo que se caracterize por uma educação sexual, levando as pessoas a se compreenderem e a olharem para o outro com o olhar de Deus, que vê cada uma como um fim em si mesmo, e não como um meio para se alcançar coisas irrelevantes que não seja a comunhão e amor verdadeiro.

Il Dio che castiga è un Dio pagano il Dio vivo e vero condivide la sofferenza e si sacrifica per noi¹

La presenza del male nel mondo, inteso nel suo ampio spettro che va dalle catastrofi naturali alle malattie, dalle sofferenze alla morte è il problema che suscita il più angosciante e tormentato “perché” e accompagna il cammino dell’uomo da sempre e ovunque.

È il problema che questiona l’uomo e questiona l’esistenza di Dio. Perché i flagelli della natura? Perché tanta sofferenza nel mondo? Sono questi interrogativi l’ostacolo principale a riconoscere l’esistenza di un Dio personale e misericordioso.

Da un punto di vista teoretico resta senza risposta quanto sostenuto da Epicuro: Dio o vuol togliere il male e non può; o può e non vuole; o non vuole e non può; o vuole e può. Se vuole e non può, è debole; se può e non vuole, è malvagio; se non vuole e non può, è malvagio e debole; se vuole e può, come si addice a Dio, perché esiste il male? Perché Dio non lo impedisce? Dio non potrebbe forse impedirlo anche senza pregiudicare la libertà dell’uomo? Non potrebbe preservare dal peccato e dalla sofferenza?

Domande senza risposta. Non si riesce in realtà a comprendere che tipo di relazione esiste tra il male e Dio. Va detto che di fronte a tale scenario di sofferenze c’è chi nega l’esistenza di Dio.

Ma a pensarci bene il problema del male e della sofferenza è scandalo più per i credenti che per gli atei per i quali, non credendo in Dio, tutto rientrerebbe in un processo senza senso. Per chi nega l’esistenza di Dio la sofferenza e il male sarebbero definitivi, perché il male più grande rimane la morte e la fine di tutto! Tra i credenti, la stragrande maggioranza degli uomini, si possono delineare due visioni di Dio. Quella del Dio pagano, che castiga per ripristinare una supposta giustizia, e quella del Dio



che si è rivelato nell’evento Gesù Cristo, che è solo Misericordia (come ci ricorda spesso papa Francesco) e che abbiamo celebrato nell’Anno Santo straordinario della Misericordia. [...]

Dov’è Dio? È lì dov’è la sofferenza. Il Dio che Gesù ci ha rivelato non castiga ma solidarizza col sofferente fino a prendere su di sé tutta la sofferenza per amore e così ci salva. È nella sofferenza e nella morte che Gesù Cristo, il Figlio di Dio, ha vinto la morte. Questa è la Misericordia di Dio che si fa miseria con noi e per liberarci dalla miseria accoglie tutte le nostre miserie. [...]

Chi guarda Gesù, e lo riconosce come il Signore, non può restare legato a una concezione pagana di un Dio che chiede sacrifici. Il Vangelo non ci mostra un uomo che si sacrifica per Dio,

¹ Artigo publicado pela ‘Pontificia Faculdade Teológica “San Bonaventura” Seraphicum’.

ma narra e annunzia il Dio vivo e vero che si abbassa, si incarna, lava i piedi e si dona fino alla fine all'uomo per amore.

La Croce di Gesù ci dice, infatti, che Dio è presente nel male, ma in quanto solidale con le vittime e a loro fianco nel dolore, fino ad addossarsi tutto il male del mondo. C'è una espressione molto evocativa di Benedetto XVI nella *Deus Caritas est* quando afferma "che l'amore di Dio per l'uomo è talmente grande e appassionato da rivolgere Dio contro se stesso, il suo amore contro la sua giustizia".

Questo Dio, che è solo amore, con la sua passione, morte e risurrezione ci invita alla prossimità e ad amare "come" ci ama lui. Ecco perché c'è da restare sconcertati di fronte a un certo linguaggio sentito nella vicenda dell'ultimo terremoto tanto lontano dalla visione donataci nella rivelazione cristiana. [...] Quello che fa scandalo è il male morale provocato dall'uomo nelle varie forme di sofferenza fino alle guerre e agli stermini. Questo male morale, secondo la rivelazione cristiana, è in relazione con la nostra chiusura a Dio e con la chiusura verso il prossimo che ne è conseguenza. [...]

C'è una relazione tra sofferenza e libertà? Occorre distinguere vari tipi di sofferenze: dell'innocente, dell'abbandonato, della vittima di tragedie, la sofferenza gridata da Giobbe che solo alla fine riconosce nel Mistero incomprensibile di Dio una ragione che va molto oltre la nostra ragione, anche se non la contraddice. C'è una sofferenza strutturale del cosmo, come accennato, legata al processo evolutivo.



Ma c'è anche la sofferenza che proviene dall'abuso della libertà umana, cioè il male causato dagli uomini a se stessi e agli altri. Creando il mondo per amore, Dio rispetta la libertà dell'essere umano, che è il culmine della creazione, e come tale è l'unico essere dotato di intelligenza e viene chiamato a dare una risposta libera all'Amore. Il male non è affatto voluto da Dio che non vuole assolutamente il male, la sofferenza, la sventura.

Il massimo dono che Dio ha fatto all'uomo è la libertà con la quale può dire no all'amore con cui è creato, impastato e chiamato. In questo senso la sofferenza è il prezzo della libertà non vissuta nella verità come risposta alla vocazione costitutiva dell'uomo all'amore. [...]

Occorre ricentrare tutto su Gesù Cristo, la verità dell'amore che si è manifestato nell'incarnazione, nella passione, nella morte di croce e tutto alla luce della Risurrezione, verità che più forte della sofferenza, del male e della morte è l'amore. [...] C'è una espressione molto forte e profonda di Paul Claudel che rende bene l'idea della sofferenza di Dio, "la lancia di Longino è andata oltre il cuore di Cristo. Ha trafitto Dio, è trapassata fino al cuore stesso della Trinità".

Por Frei Domenico Paoletti, OFMConv.

A Província São Maximiliano Kolbe do Brasil tem a alegria de anunciar a entrada de dez rapazes para o Postulantado de 2017 e a Ordenação Diaconal de seis frades. Muitas pessoas nos perguntam como se dá o processo de entrada de um jovem até chegar ao fim da formação inicial, que tem seu cume na ordenação Diaconal. O “Focus nas Vocações” vai, então, apresentar, de uma forma bem sucinta, como se dá esse processo.

Muitos jovens nos procuram para ajudá-los a discernir a Vocação. Por isso, nossa Ordem tem um Secretariado de Animação Vocacional (SAV). O nosso trabalho é acompanhar os jovens que pretendem entrar em nossa ordem. Esse acompanhamento dura pelo menos um ano para os jovens que já estão encerrando ou já encerraram o Ensino Médio. Para aqueles que estão terminado ainda seus estudos, o tempo é até o término dos estudos. Os membros do SAV desse ano de 2016 foram: Frei Almir de Siqueira, Promotor vocacional, e os colaboradores dele: Frei Alexandre Dantas, Frei Beneval, Frei Geraldo e Frei Marcos Orlando.

O nosso trabalho consiste em acompanhar esses jovens nos encontros que acontecem todo terceiro Domingo de cada mês no Seminário São Francisco na Asa Norte. Os encontros trazem reflexão sobre a vida de nosso Fundador – São Francisco de Assis – e apresentam a estrutura de nossa Ordem. Os jovens, neste período, passam a ter uma convivência com os frades. Isso faz com que o testemunho de vida dos frades faça acender cada vez mais a chama vocacional que existe em cada um.

Depois desse processo vocacional, os rapazes que foram julgados aptos para a entrada em nossa Ordem são apresentados ao nosso Ministro Provincial, o qual os acolhe para a entrada no postulante. O tempo de postulante dura um ano. Os jovens passam a morar na Casa de Formação São Maximiliano, no Jardim da Imaculada. Ao término desse ano, são encaminhados para o Convento Santa Maria dos Anjos, em Santa Maria – DF. Lá passarão três anos fazendo a faculdade de Filosofia. Ao término desses três anos, são encaminhados para o Noviciado na cidade de Caçapava – SP. No noviciado, esses rapazes recebem o hábito de nossa Ordem e passam a ser chamados de Freis.

Ao término do Noviciado, o qual dura um ano, são encaminhados para o Seminário São Francisco de Assis, Asa Norte – DF, onde passam quatro anos estudando Teologia. Ao término desses quatro anos são ordenados diáconos e prestam esse serviço por um ano. Depois disso, são ordenados presbíteros e enviados para os diversos conventos nossos espalhados pelo Brasil. Isso para aqueles frades que desejam ser Presbíteros, pois há aqueles que são chamados à vida Religiosa não ordenada: os Irmãos. Esses param o processo no fim da Teologia, e podem prestar vários serviços dentro de nossa Ordem.

Como vimos, todo o processo vocacional é extenso e tem vários custos, principalmente com a manutenção dos Seminários. A maior parte dos custos são com alimentação, estudo e higiene. Para nos ajudar com os custos, temos um grupo de benfeitores que, com as suas generosas doações, nos auxiliam para mantermos o necessário. Se você, leitor, quer nos ajudar, temos aqui em baixo a nossa conta por meio da qual, com sua doação, poderemos manter nossos seminários e, a cada ano, apresentar novos jovens que entram para esta vida a fim de serem preparados para a Messe do Senhor. Seja você um destes colaboradores. Desde já agradecemos a sua contribuição.



Por Frei Alexandre Dantas, OFMConv.

Caros leitores, como é normal em todos os lugares, o fim de ano no seminário foi intenso e levou os frades a experiências extraordinárias, pois o Senhor, na sua infinita misericórdia, nos concede experimentar, no cotidiano, a sua bondade.

Com o fim do ano letivo, os frades do 4º ano de teologia apresentaram seus Trabalhos de Conclusão de Curso e também foram sabatinados pelo Exame *De Universa*. Houve também a missa em ação de graças pelo ano letivo e, a colação de grau dos cursos de Filosofia e Teologia.

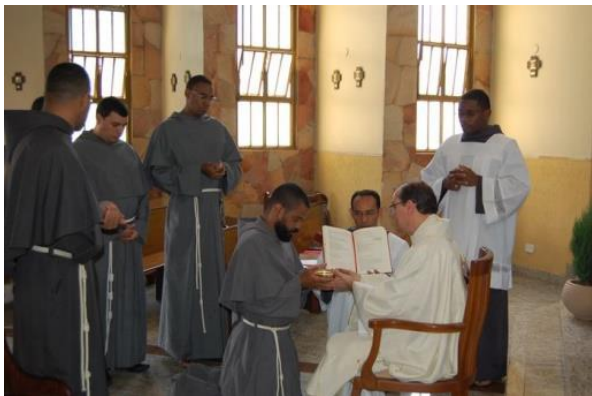


Os nossos formadores, Frei Luis Felipe e Frei Almir, participaram do encontro da UCOB (união dos conventuais do Brasil). Esse encontro, chamado *Qüinqüênio*, é aquele no qual os frades do Brasil com menos de cinco anos de ordenação presbiteral participam.



No dia 29 de novembro, Festa de todos os Santos da nossa Ordem, os frades estudantes de Teologia renovaram os votos; os frades do segundo ano receberam o ministério do Leitorado, e os do terceiro ano, o ministério do Acolitado.

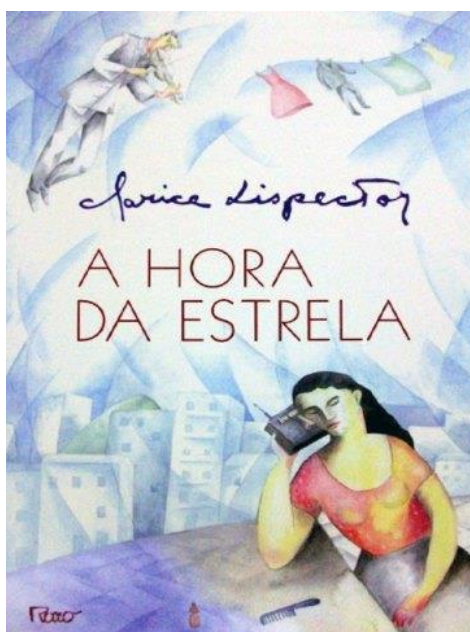




No dia 03 de dezembro, na Capela São José do Valparaíso de Goiás, aconteceu a ordenação diaconal dos frades do 4 ano: Frei Henrique, Frei João Rogério, Frei Herton, e Frei Israel, e também do Frei Ennis Cláudio, que ordenou junto com eles.







df



Ó Deus de bondade que vedes o vosso povo esperando fervoroso o Natal do Senhor. dai chegarmos às alegrias da Salvação e celebrá-las sempre com intenso júbilo na solene liturgia.

A todos um feliz e santo Natal e um próspero ano.

Paz e Bem!